



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

letrart

X-1015

GOYA (1746-1828)

Al Aquelarre: Asmodeo.
Fragmento.

Sabbat. Asmodée.
Fragm.

The Witches' Sabbath:
Asmodeus. Detail.

Zusammenkunft der
Dämenen: Asmodi.
Ausschnitt.

Museo del Prado.
Madrid.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo

FCB

01.318

Silex
S

UM VIKING NA ARTE PORTUGUESA

Raul Rego

NAQUELA revoada da arte portuguesa dos anos trinta, em que se colheram os frutos das iniciativas educadores de anos atrás e também de um ambiente social menos estreito do que o que se havia de seguir, e onde avultam nomes como os de Carlos Botelho, Keil do Amaral, António Duarte, Martins Correia e Joaquim Correia, continuando ao lado de outros em plena produção e já afirmados, como os Jorge Barradas e Leopoldo de Almeida, Almada, Eduardo Viana, vêm fixar-se até alguns de além-fronteiras, como os de Fred Kradoffer e de Hein Semke. E seguiram como se aqui tivessem brotado. São nossos.

Enquanto o Fred Kradoffer era a serenidade em pessoa, com seu quê de tímido, o Hein Semke irrompeu no Chiado como uma força bruta da natureza. Como se as pedras da calçada se tivessem aberto e nelas começasse a esbracejar um autêntico viking, membrudo arruivado e que até quando passava na mota barulhenta arrastava os olhos com ele. Onde ele estivesse discutia-se alto e bom som e chamava-se às coisas pelo seu nome. A língua era de trapos, com palavras esfarrapadas, mas os braços desengonçados e as mãos enormes também falam.

Dessa geração que trabalhou no Eden e, depois, nas Exposições de Paris e do Mundo Português, de 1940, poucos são os sobreviventes; mas, o Hein Semke continua a trabalhar, como há quarenta anos, e a sua linguagem continua a ser tão descosida e gesticulada como era quando a sua força animica agitava a Brasileira e corria pelas estradas dos arrabaldes a caminho de Linda-a-Pastora ou de Sintra. A própria Brasileira se transformou e os quadros que lá estavam foram reduzidos a patacos para serem substituídos por outros que, na altura própria, quando fizerem história e incharem no seu valor, homem endinheirado levará como depósito e garantia do seu peso social. As obras de arte fazem muitas vezes o efeito das reservas oiro de qualquer banco emissor. Verdade seja que os mineiros desfazem os pulmões, esvaziam a arca do peito, para extrair o metal pre-

cioso; e os artistas andam muitas vezes com obras às costas e bolsos vazios; mas quando desaparecem, tantas vezes anônimos, esquecidos, eis que vêm as estátuas, as louvainhas, e essas obras são o meu ai-jesus onde te porei dos grandes salões, satisfazendo a vaidade dos proprietários. Eles é que são os verdadeiros gozadores do talento de outros. São os donos deste quadro, daquela estatueta, de um desenho bem simplés rebuscado em pastas de sobras.

O retrato do Fernando Pessoa pelo Almada pagaram-no os Irmãos Unidos por trinta contos. Anos depois o Jorge de Brito dava 1.500 contos por ele. Quanto vale hoje depois do Almada se ter ido embora?

O Hein Semke não nasceu no Pólo Norte, nem no buraco de alguns daqueles fiordes da rendilhada e altiva costa norueguesa; nasceu em Hamburgo, já metrópole tentacular, no dobre de finados do século XIX. Por ali andou nós mais variados mestres de uma grande cidade. Passou de um ofício para o outro, deitou as correias aos ombros na Primeira Guerra Mundial e depois apregoou jornais nas ruas, enquanto entrava em salas de conferências ou nos salões onde se expunham as obras mais diversas. Via tudo e ouvia de tudo. O mundo dava uma volta nessa crise dos começos da década de Vinte, em que alguns países tinham ficado com as tripas ao sol, outros davam trambulhões e se afundavam os regimes que tinham séculos atrás de si.

Não havia valores consagrados e a mesma estética invertia os conceitos, os modernistas atiravam para o caixote do lixo com os requintes da Arte Nova. Esses mesmos móveis e adereços de desenhos preciosos, então classificados de amaneirados e que enchiam armazéns e casas de antiguidades, olhados de forma displicente, são hoje pagos a oiro. De tal forma é variado o gosto das gerações.

O vendedor de jornais em Hamburgo largou um dia. Homem dos sete ofícios deu volta à Alemanha que se recompunha da guerra. Trabalhou numa fundição, em pedreiras e num banco, pintor num estaleiro naval e na construção civil. Mas frequentava uma escola de de-

senho. Depois, um dia gastou o dinheiro que tinha num bilhete de caminho-de-ferro para Lisboa e aqui trabalhou numa fábrica de malhas. Voltou a Hamburgo, estudou na Academia de Belas-Artes e trabalhou numa olaria. Passou à Academia de Estugarda, mas de novo lhe dá na veneta e desanda outra vez para Portugal. Estamos em 1932. Passara já também o tempo das mirabolâncias. Está com a idade de Cristo e as preocupações de sempre. O seu tanto dispersivo, modelando a cerâmica, pintando, fazendo gravura e desbastando a pedra, afinca-se todavia ao trabalho com verdadeira paixão. Busca essencialmente a forma e a cor, mas simplificando uma e outra. Na forma os volumes e as linhas retas têm a sua preferência; nas cores gosta do azul que seja só azul ou do vermelho que seja só vermelho.

De começo trabalha sobretudo a cerâmica, mas oleiro que foi e homem dos sete ofícios, é ele quem modela inteiramente os bustos, as cabeças, as placas, os grupos, quem prepara as tintas e estuda os efeitos das várias combinações. E diante da obra que vai ao lume e se desfaz em cores de arco-íris, de intensidade que vibra nas línguas das chamas a saltarem pela boca do forno, o Hein Semke fica deslumbrado. São essas línguas de um verde-vivo ou de um negro-de-nanquim, de um rosa ou amarelo mais intenso ainda que o do pôr-do-sol sobre o mar, que extasiam o artista. O homenzarrão que veio do Norte e viu esmorecer a luz para os lados do pólo sente-se diante dos barros pintados passados ao crisol como o devoto diante da estátua de Brama. Todo ele se rende, os olhos em admiração às cores incandescentes, purificadoras.

Depois tudo esmorece, esfriam os fornos e de lá saem as cabeças de anjos, os bustos graciosos de mulheres, as jarras, as travessas, as placas. Têm força, têm harmonia e a personalidade das mãozoras de sensibilidade grande que as modelaram. Não precisam de assinatura as obras de Hein Semke. Nem as cerâmicas, que há muito deixou de produzir porque as tintas lhe penetravam o organismo e o iam abatendo, nem os óleos, nem as gravuras, nem as esculturas.

Olhamos o seu «Moisés», passado ao bronze, e é o homem do trovão, mensageiro de Deus, mas que diante da heresia atira a terra e escaca as Pedras da Lei. As mãos parecem que protestam, as barbas eriçadas se indignam diante da ingratidão de um povo eleito de Deus e que se vira para a idolatria. Vemos os seus Cristo e mais do que o corpo do homem que agoniza e se contrai nos tormentos da sede e o esvaziar do sangue é o símbolo de uma nova ideia. É tudo simplicidade nessa cruz algo jansenista, com os braços a subirem no sentido do céu em lugar de se estenderem paralelos à terra; mais do que o homem interessa a ligação, o diálogo entre os homens e Deus.

Este gigante que fala como um primitivo, em palavras soltas, atirando os substantivos e dando-lhes os gêneros ao acaso, tem a sua verdadeira língua na sensibilidade das mãos, nas cores que atira ao papel ou à tábuca. Pinta as rosas, todas as flores, com uma força e uma temura de quem quer fixar-lhes a beleza, as formas, protestando contra a natureza que as deixa fanar e esfolhar ao fim de algumas horas. A beleza real não devia morrer.

Avança nos anos com o século, mas trabalha desde manhã cedo. Não se deita bem com as galinhas, mas a noite não tem a luz do sol, não tem cor nem interesse. Mal o sol desponta é a vida que se ergue. Passa pelo mercado, onde os gritos das mulheres do peixe e da hortaliça se entrecruzam como galos a estraçalharem-se, num movimento que é de luta pela vida, ciumeira de posse. Depois é no atelier da Penha de França que trabalha, que le constrói o seu mundo. Imensos cadernos e álbuns onde as formas, as cores, as figuras, ou simplesmente esboços, torços firmes, as cabeças modeladas e para ali arrumadas lembrando momentos de febre criadora.

Este homem do Norte, com mais de meio século de vida em Portugal, é a história viva dos movimentos da arte entre nós. As suas lembranças, os amigos que se foram, são uma saudade. Mas a obra está ali e essa tem muita força, é toda vida, a vida inteira de um artista grande.

17/12/93.

Meu caro e estimado amigo
António Manuel,

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.318

Obrigado para o presente de Natal -

Gostava falar contigo aqui em Lisboa sobre
eventuais Exposições na Beira Leste - etc.
Ataço de seu amigo
H. L. Be



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Lisboa, 27/5/87

Caro Artur Manuel,

Estou a organizar as minhas férias e preciso saber as datas da minha exposição em Vilamoura.

Agradecia que mas confirmasse e também que me indicasse quando vem a Lisboa escolher os trabalhos e transportá-los.

Agosto já está próximo e gostava de fazer as coisas com calma.

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Manuel
de A. L. de

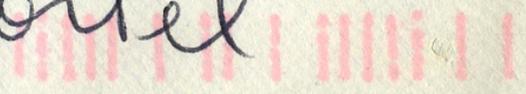
P.S. - Tel. 7587480

De: Herrn Semke
R. Rainha D. Filiza, 9-
1600 Lisboa



01.318.01

Printer
UNIVERSIDADE Seixas
DE Évora
Sítio de Calçada -
- Cerrito
8150 S. Bartolomeu de
Alportel



Lisboa, 8/6/87

Caro Cruzeiro Seixas,

Obrigado pela sua resposta pronta e pelos catálogos.

Estava a contar com o mês de Agosto, como me indicara depois de o projecto inicial de fazer a exposição pelo Carnaval ter sido adiada. A época de Verão dava-me mais jeito porque poderia articular a ida a Vilamoura com uma estadia na Praia da Rocha, e a viagem não seria tão cansativa para mim.

Sobre as datas que agora me fornece há um óbice. De 13 a 20 de Outubro a minha irmã vem de Hamburgo visitar-me e tenho de estar em Lisboa.

Proponho-lhe portanto que a exposição se realize um mês depois, ou um mês antes, sendo esta última hipótese a mais conveniente para mim, porque me deslocaria com mais facilidade (menos frio e a possibilidade de descansar um tempo na Rocha antes de regressar a Lisboa - as viagens, mesmo pequenas, deitam-me abaixo, e quase sempre me obrigam a ficar dois ou três dias de cama).

Há ainda uma outra possibilidade: abrir a exposição sem mim.

Espero notícias suas e, até lá,

um abraço amigo de

Hein Seixas